



ISSN: 2953-4283

2022 (1)

## ATIVIDADE POLÍTICA NA MEDIAÇÃO DE ARTE

1

Actividad política en la mediación artística  
Political activity in artistic mediation

Elaine Fontana\* <https://orcid.org/0000-0003-4523-6095>

**Resumo:** O objetivo deste mapeamento é propor ações que se relacionem com a prática artística no campo do discurso, da escuta e da ação com os públicos, considerando as premissas políticas no âmbito do museu ou da instituição de arte, entendida como uma esfera que pressupõe a coexistência, a escuta, a expressão partilhada, elementos que são a chave do existir político.

**Palavras-chave:** arte, político, educação, mediação

**Resumen:** El objetivo de este mapeo es proponer acciones relacionadas con la práctica artística en el ámbito del discurso, la escucha y la acción con el público, considerando las premissas políticas dentro del museo o institución artística, entendido como un entorno que

---

\* E-mail: [elainefontana@gmail.com](mailto:elainefontana@gmail.com)

presupone la convivencia, la escucha, la expresión compartida, elementos que son clave para la existencia política.

**Palabras clave:** arte, político, educación, mediación

**Abstract:** The purpose of this mapping is to propose actions that relate to artistic practice in the field of discourse, listening and action with audiences, considering the political premises within the museum sphere or the art institution, understood as a sphere that presupposes coexistence, listening, shared expression, elements that are the key to political existence.

**Keywords:** art, political, education, mediation

**Recibido:** 12-08-2022. **Aceptado:** 21-09-2022. **Publicado:** 15-12-2022.

**Eliane Fontana** nasceu em São Paulo e vive em Berlin (1979). É mestra em Estética e História da Arte pela Universidade de São Paulo, especialista em Educação e Curadoria em Museus de Arte pela mesma universidade. É educadora, artista e pesquisadora, tendo coordenado a área de Educação da Fundação Bienal de São Paulo e do Museu Lasar Segall, atuando em ambas as instituições por mais de dez anos. O eixo do seu trabalho se organiza a partir do aprofundamento dos aspectos políticos que envolvem as práticas desenvolvidas na instituição de arte.

2

---

**Cómo citar:** Fontana, E. (2022). Atividade política na mediação de arte. *EducaMuseo*, 1, 1-10.



Obra protegida bajo Licencia Creative Commons Atribución: **No Comercial / Compartir Igual** (*by-nc-sa*)

<https://revistas.unc.edu.ar/index.php/EducaMuseo>

## O registro de vocabulários políticos

As experiências em mediação e educação em grupos autônomos, museus ou instituições culturais tem um problema importante a considerar: a conversa com estranhos e de curta duração nas trocas estimuladas pela exposição ou objeto de relação. É um problema que ao estudar política aprofunda-se uma reflexão que traz substância à mediação com os públicos.

A política a partir do conceito de “desentendimento” formulado por Rancière pode lembrar-nos da complexidade não só da escuta, mas da fala. O “desentendimento”, para Rancière, não se restringe ao contato com estranhos, como acaba por ocorrer nos diálogos na exposição, mas se refere a uma situação relativamente comum de fala: aquela em que “um dos interlocutores ao mesmo tempo entende e não entende o que o outro diz” (Rancière, 2018, p. 130). É um conflito presente quando duas pessoas estão utilizando a mesma palavra, o que demonstra que o falar é um ato complexo, mesmo quando se parece estar dizendo a mesma coisa. Rancière complementa: “é o conflito entre aquele que diz branco e aquele que diz branco mas não entende a mesma coisa, ou não entende que o outro diz a mesma coisa com o nome e brancura” (Rancière, 2018, p. 130).

O contexto dos que falam, como falam, sob quais instrumentalizadores, é tão relevante quanto o conteúdo falado. Em arte, deve-se levar em conta a forma de enunciar, verificar se os conteúdos trocados em diálogo continuam condicionados ao modo de fazer institucionalizado do ensino, orientado dentro do campo da interpretação e da representação sedimentada. A representação, elemento fundamental nos estudos sobre arte, requer ser problematizada, pois constrói uma “desnaturalização da diferença [...] está submetida, acorrentada [...] fundada” (Lapoujade, 2015, p. 48).

É necessário o registro sistemático de expressões e novos significados para mesmas palavras para revisão das repetidas formas de escutar e pensar. É necessário revisar a ideia da “criação de signos que resistam à divisão entre significante e significado, entre expressão e conteúdo”, como ensina Tatiana Roque. Nesse sentido, como também aponta a autora, é preciso uma “gramática, mas também uma semântica corporal das lutas”. Roque sinaliza ainda que “A escolha das palavras não é anódina, nem seu significado. A diagramática é uma recusa de rebater a enunciação sobre os enunciados, em um mundo povoado de palavras de ordem”. Com isso, Roque quer se opor à axiomática do capital, escapando de um tipo de mecanismo de articulação de modos de operar, *de tradução de códigos*, que podem ser enunciados nas instituições ligadas à educação. Escreve a autora:

Para Deleuze, há duas maneiras pelas quais o capitalismo codifica as formações sociais, e que são interiorizadas pelas minorias: o corte nacional/extranacional, que torna toda minoria composta de estrangeiros, ainda que estrangeiros de dentro; o corte individual/coletivo. A minoria se constitui na impossibilidade de interiorizar essa última divisão, pois tudo que parece emergir do individual (familiar, conjugal, psíquico) se liga a outras questões nada individuais (étnicas, raciais, sexuais, estéticas), com uma relevância que é imediatamente coletiva e social (Roque, 2014).

A pesquisadora Cristina Ribas, que participou do encontro realizado com o grupo Ultra-Red, que veremos a seguir também desenvolveu o *Vocabulário político para processos estéticos*, “uma promiscuidade da língua [...] para desestabilizar as verdades instituídas da

experiência artística, às vezes instituída por conceitos que se tornam ‘fechados’ e inoperativos” (Ribas, 2019, p. 119), o que dificulta a disponibilidade a outras contingências próprias de seu tempo.

Pensar a partir da aprendizagem não significa demarcar um método preciso (um como fazer), mas implica o exercício de uma ferramenta relacional, contingente e constitutiva, que opera a quebra de hierarquias e processos verticalizados (RADICAIS >TRANS), promovendo o encontro de agentes em um estado dialógico e cooperativo. (Ribas, 2014b).

## Teatro como política e a democracia transitiva como teatro

Uma outra referência de mediação no teatro para pensar a responsabilidade política e os modos operativos e dialógicos que utiliza-se da escuta como recurso para uma política de equidade está no Teatro Legislativo de Augusto Boal, dramaturgo e ensaísta brasileiro, que desenvolveu nos anos 1990 o chamado Teatro Legislativo (TL),<sup>1</sup> que se compunha de técnicas teatrais em forma de ferramentas legislativas participativas, considerando o exercício de uma atividade política, coletiva, democrática para o exercício de uma democracia. Se tornava “uma nova etapa de investigação de Boal sobre as possibilidades do seu arsenal do Teatro do Oprimido”.

Motivado pelo seu tempo, tendo vivido o período de ditadura militar no Brasil e o governo de Fernando Collor, Boal pretendia criar formas para uma política transitiva, que envolve o diálogo, a interação e a troca, e ainda assim uma estrutura dirigida aos pequenos grupos, ao que ele denominou “pequenas unidades orgânicas: indivíduos unidos por necessidade essencial – professores, idosos, operários, estudantes, camponeses, empregadas domésticas, estudantes negros... – e não apenas pelo acaso, como nos espetáculos de rua”. (Boal, 2020).

Desses encontros se extrairia contextos e materiais para uma mudança concreta, pois em 1º de janeiro de 1993, Boal foi eleito. Ele dizia “Não admitimos que o eleitor seja mero espectador das ações do parlamentar, mesmo quando corretas: queremos que opine, discuta, contraponha argumentos, seja corresponsável por aquilo que faz o seu parlamentar” (Boal, 2020, p. 58).

O projeto do nosso mandato de vereador consiste em trazer o teatro de volta para o centro da ação política – centro de decisões - em fazer teatro como política e não apenas teatro político: neste, o teatro comenta a política; naquele, é uma das formas pela qual a atividade política se exerce. (Boal, 2020, p. 58).

Uma referência citada no livro *Teatro Legislativo*, trata do oprimido que reconhece os mecanismos da opressão. Ele diz:

Aconteceu num domingo à tarde na sede do Atobá uma associação de homossexuais. Ensaia-se uma peça que os próprios atores haviam escrito sobre um caso real: um

---

<sup>1</sup> Experiência realizada nos anos 1990 com publicação intitulada *Teatro legislativo* (1996), relançada em 2020 pela Editora 34.

deles havia feito um teste por escrito para obter determinado emprego; foi aprovado e convocado para uma entrevista pessoal; ao vê-lo, o entrevistador começa a estranhar o brinco na orelha, os anéis, as roupas.... No fim da peça, quando ouve o gerente dizer que ele não será aproveitado, apesar do excelente exame, o protagonista silenciosamente chora, sem protestar. A cena foi representada com grande autenticidade e emoção, e a plateia aplaudiu com entusiasmo as lágrimas sinceras diante da injustiça.

Só que o ator não estava representando: estava vivendo. E só nos demos conta disso quando uma das Coringas entrou em cena para reconfortar o ator. A cena ensaiada não deveria terminar assim, mas ao contrário explodiria com uma violenta resposta do homossexual oprimido. No momento de representar, o ator se emocionou de verdade, esqueceu-se do texto decorado e chorou em silêncio.

O mandato de Augusto Boal durou 4 anos, terminou em 1996. A atividade política de que estamos tratando ao falar de Boal é aquela que não apenas elucida novos problemas do político, como panfleta a favor de uma determinada posição política. Ela não se concentra em exercitar ideais por meio de um teatro político; não que isso não seja importante, mas Boal soube construir uma ação política que envolve um propósito ideal, que imagina novas formas de viver o mundo com o mundo, partilhando e nos responsabilizando nele e por ele, entre humanos e não humanos, ouvindo as formas existentes e reestruturando mudanças, uma construção que modifica concretamente a vida das pessoas e desafia a instituição de ideais conservadores.

As questões que Boal nos deixa: de fato, será que o diálogo existe, existe sempre? Ou, ao contrário, aquilo que pensamos ser diálogo não passa de dois monólogos paralelos ou cruzados? Monólogos entre países, entre classes sociais, raças, múltiplos monólogos familiares e escolares, monólogos conjugais, sexuais, todas as formas de monólogos interpessoais, será que, com frequência, atingem a categoria suprema do verdadeiro diálogo? Ou será que, apenas intermitentes, falamos e calamos, ao invés de falarmos e ouvirmos? Nós sabemos a palavra que dizemos, mas não sabemos qual será ouvida. O que se fala não é nunca o que se ouve (Boal, 2020).

## A escuta como atividade política

*O som como matéria para processos coletivos* é um trabalho que já foi desenvolvido em três edições, os dois primeiros (2017) ocorreram no Museu Lasar Segall em São Paulo e o último (2018) na 33a Bienal de São Paulo. Com concepção e realização desta pesquisadora e do educador Diogo de Moraes em sua primeira edição, optou-se por observar práticas de artistas e grupos militantes, com formações temporárias ou não, para coletar maneiras de “escutar”. Escuta no sentido corporal, envolvendo movimento, som, ritmo, respiração, o campo sensorial da escuta mais abrangente. No campo da arte, tais situações acontecem por operações artísticas e também de cunho antropológico. Na relação dialógica com públicos, elas ocorrem por iniciativas da mediação propostas por educadores ou por dispositivos presentes na exposição.

Entendemos que no projeto *Som como matéria para processos coletivos* realizados nas instituições culturais citadas temos um paradoxo, se por um lado estávamos

condicionados aos ambientes institucionais, com suas dinâmicas próprias com a dependência da aprovação de nos receber, por outro a proposta extrainstitucionais se resolvia fora dos modelos institucionais, os meios para o chamamento, alimentação escolha dos convidados e dinâmicas de escutas foram escolhidas e desenvolvida por nós, no formato proposto pelo grupo de artistas convidados. Agenciando uma dinâmica não ambientada por um objeto artístico institucionalizado, mas por uma questão que interessava aos participantes individualmente no seu convívio extrainstitucional.

A hipótese levantada para a realização dessa pesquisa-ação foi a de que o uso da palavra “educação” poderia ser entendido de modo diferente daquele produzido historicamente dentro da instituição de arte desde a década de 1980, quando a palavra estava atrelada estritamente ao âmbito do ensino da arte a partir da História da Arte.

Uma das linhas para a realização desses propósitos seria a busca real de algo sobre o qual não se sabe e se deseja saber, o que seria legítimo dentro de uma exposição de arte também, mas, no entanto, se procura pautar diálogos frente aos objetos com base em uma sólida informação do campo da estética.

No caso, a investigação de sons para se obter uma matéria a ser explorada, escutada, decodificada e investigada pelos agentes de um processo pode ser uma boa maneira de começar a pesquisa.

Um dos grupos pesquisados para o levantamento de uma política da escuta foi o Ultra-Red, coletivo que realiza uma prática de documentação sonora que envolve gravações e a prática da escuta delas. O grupo foi fundado por ativistas ligados à luta contra a Aids, e segue investigando situações locais e globais de cunho político, abordando temas como direitos migratórios, antirracismo, desenvolvimento comunitário participativo e as políticas para prevenção e tratamento de HIV/Aids.

Composto por artistas e ativistas dispersos entre a América do Norte e Europa, o grupo trabalha definindo uma questão central para sua pesquisa e vai a campo atrás de elementos que corroborem a questão. Após a gravação dos áudios advindos dessa busca, escutam-nos em transmissões diversas: via rádio, performances, gravações, instalações, leitura de textos transcritos e ações públicas. O grupo atenta para histórias em disputa, ecos políticos que envolvem as cenas pesquisadas a partir de protocolos de escuta.

A proposta do Ultra-Red é direcionada para um fato objetivo, conhecido por todos os agentes e envolvidos. Não há uma narrativa que dá unidade à prática. Seus membros criaram um livro intitulado *Radical Education Workbook*, que, em sua introdução, situa o momento político que estavam vivendo: o governo de coalizão na Grã-Bretanha, em 2010, havia estabelecido um programa de austeridade. Eles entendem que a educação é essencial para a organização social e política das práticas que realizam e que estão engendradas dentro de uma noção de pedagogia radical, não no sentido de fazer grandes reivindicações de natureza política, mas no sentido de que elas envolvem pesquisa popular, militância, práticas coletivas, de participação.

As práticas de falar e ouvir, escutar uns aos outros, são rotinas para uma concepção de ensino e aprendizagem dentro do campo de trabalho daqueles que impulsionam as ações do grupo. Há um destaque importante a fazer quanto a essa conduta do coletivo, porque, como mencionado acima, não há uma ação que oriente uma prática geral e que, tenha que



responder a uma expectativa do grupo, confirmada de um ponto de partida dado *a priori*. O ensino, por sua vez, não é dado para outros além daqueles envolvidos com a sua prática, além do mais os envolvidos não são participantes indiferentes ao contexto a ser debatido, sabem que estão participando de um processo que envolve ensinar e aprender.

Os movimentos em relação aos outros fora do grupo também se tornam materiais de pesquisa. Os envolvidos sabem que estão numa ação política; quando há escutas sonoras, todos sabem das suas implicações nos modos de interpretar e reagir àquelas gravações.

Podemos apontar aqui relações com o conceito de autoatualização presente na pedagogia engajada de bell hooks (2013). A autoatualização, para ela, supõe que dispositivos confessionais possibilitem trocas, narrativas de sua própria experiência para a discussão em sala de aula, eliminando-se a possibilidade de atuarem como inquisidores oniscientes e silenciosos. E, nessa perspectiva, chega-se a uma autoatualização, que tem como desafio, conforme apontado pela autora, o aumento da capacidade de criar práticas pedagógicas, porque interagem com os discursos dominantes, impregnados de normas.

Os envolvidos passam a saber distinguir esses discursos daqueles vividos na prática, confessados por eles. No processo de autoatualização, as histórias desconhecidas vêm à tona, e problemas subjugados passam a integrar o campo de criação, informando quais ações deverão se desenvolver e quais problemas estarão no campo de trabalho dos participantes.

Nesse sentido, podemos entender que a pesquisa feita pelo Ultra-Red afirma-se como recurso do campo do político que se desenvolve com a educação, porque os adultos não apenas ensinam as crianças, como eles próprios aprendem por meio do político, como se construíssem na junção das duas ações (ensinar-aprender), simultâneas, uma dinâmica que tensiona os parâmetros conservadores do que foi ensinado.

“Qual é o som da crise no Brasil?”, pergunta colocada pelo coletivo, possibilitou encontrar camadas distintas do que seria a crise no Brasil e levou, inclusive, ao questionamento sobre se haveria uma crise ou um projeto político neoliberal em desenvolvimento. Ao nos indagarmos e irmos, cada um dos participantes, à procura de respostas para essa pergunta, localizamos variações que seguiam em direções opostas: enquanto uns observaram que a crise está na concepção hierárquica das relações sociais, outros concluíram que a política da crise pode ser combatida por meio das manifestações públicas de pensamentos divergentes; uns localizaram a crise a partir de um âmbito subjetivo e individual, enquanto outros o fizeram do ponto de vista da política da globalização. Demonstrações dessa natureza podem fazer parte das concepções educacionais nas instituições culturais porque envolvem políticas públicas, conjunturas políticas e consciências de relações de poder que têm implicação direta nas maneiras de agir e conceber ações a partir de contextos contemporâneos.

O encontro contou com a participação do Artista Ricardo Basbaum, da pesquisadora Cristina Ribas e de Chris Jones, um dos integrantes do coletivo Ultra-Red, que criou a metodologia dos “protocolos de escuta” como recurso de agenciamento coletivo para processos artísticos e sociais. Os participantes eram pessoas interessadas em pensar práticas artísticas, educativas e políticas considerando a escuta e a problematização dos modelos institucionais que são reificados a partir das rotinas de atendimento a escolas em larga escala nas instituições culturais a partir das políticas de democratização cultural.

Com relação à alimentação, importante aspecto do encontro que teve a duração de 8 horas em um sábado, integrou o encontro um grupo de ex-secundaristas acompanhados de nutricionistas engajadas com eles nas cozinhas das Ocupações do ano anterior (2016). Com elas foi importante compreender e vivenciar a eficiência de um modelo de autogestão dos adolescentes da escola pública estadual que surge da necessidade em colaborar com demais colegas da escola em período de crise. O papel que tiveram nas cozinhas da ocupação das escolas não foi o mesmo nesse dia no Museu, ali conosco estavam para mostrar o seu contraexemplo.



Som como matéria para processos coletivos, Museu Lasar Segall| Foto Elaine Fontana

Nas dinâmicas que produziram nas escolas ocupadas eles precisavam se firmar para além do papel de alunos da escola pública que são vistos aprendendo sobretudo em situação precária, naquele ano foi possível escutá-los melhor através de novas imagens que circulavam nos meios de comunicação onde a juventude escolar teve chances de contra argumentar a ideia de incapacidade que lhe é atribuída com frequência.



“Qual é o som da crise no Brasil” orientava a participação que antecedeu o encontro. Os participantes chegaram com suas gravações a partir dessa questão e juntos ouvimos todas as gravações, como conta o relator do encontro Lucas Oliveira:

Nós deveríamos eleger e registrar um som que, naquele momento, nos parecesse responder à pergunta. Estimulados pelas apresentações prévias de Fontana, Moraes e também de Basbaum, Ribas e Jones, iniciamos o exercício de escuta dos sons registrados e trazidos pelos integrantes...Alguns participantes falaram sobre a motivação de seus registros sonoros. Lembro-me de colocações como: a música ao avesso como signo de retrocesso; uma conversa com um funcionário de museu sobre a falta de recursos federais na instituição; a juventude feminista ocupando a rua e inventando outro corpo político para si; os guaranis descendo o Jaraguá e ocupando a Paulista com uma mobilização política de altíssimo valor estético; uma tarde qualquer, de um tempo qualquer que sempre esteve e sempre estará.

Esta referência para o encontro nos convida a pensar quais são as variáveis presentes no espaço-tempo para que ela ocorra, os agenciamentos coletivos permitem cuidar, organizar, agenciar, articular pessoas e coisas a se escutarem.

Devemos fazer exercícios de escutas para observar como escutamos? Quem sabe treinar de forma técnica e trocar experiências entre colegas de trabalho como fazem os psicanalistas? Quais as consequências de se colocar em escuta?

Ao final do encontro observamos as performatividades das escutas e também das falas, os desvios para que falemos o que havíamos planejado independente do que estava ressoando no momento presente, ora parecia um ambiente real de pesquisa e implicação de um corpo político, ora estávamos num ambiente estético, nos impondo modos inteligentes de sermos vistos e percebidos. Há uma opacidade presente nessas relações temporárias que nos fazem ouvir - mas nem tudo, ver - mas nem tanto, sentir - a meu modo.

O empenho em aprofundar ideias em pequenos e grandes coletivos é necessário para que haja uma base referencial que promova sentidos comuns, mesmo que divergentes, para que a criação ocorra a partir de novos paradigmas dentro e fora da instituição cultural.

Pesquisas relacionadas ao corpo buscam entender como as relações funcionam, desde entender alguns mecanismos da escuta, promover o registro de novos vocabulários sem perder de vista os dilemas políticos do nosso tempo e os modelos de injustiça social que reproduzimos.

Ao saber das dificuldades intrínsecas do ato de ser compreendido ao falar e ser escutado, considerando a totalidade imaginada por aquele que se expressa e seu interlocutor, nos motiva a fomentar vivências coletivas enquanto mediadores, encenar movimentos nesse sentido para tornar visíveis palavras e ideias que não só nunca foram ouvidas como ainda estão fixas em sistemas rígidos de significados. Se os mecanismos de falar e escutar tem limites nos nossos próprios corpos é preciso conviver com as diferenças para amplificar esse corpo, conviver na tentativa de ser compreendido e ter o direito de falhar assim como nosso interlocutor.

Não apenas consentir no direito à diferença, mas, antes disso, no direito à opacidade, que não é o fechamento em uma autarquia impenetrável, mas a subsistência em uma

singularidade não redutível é a proposta de Édouard Glissant (et. al. 2018) para expandirmos a nossa humanidade.

## Referências bibliográficas

- Abreu, M. de A. (no prelo). "Prefácio". In: Fontana, E. *O corpo político na instituição de arte*. São Paulo: Atenas.
- Arendt, H. (1992). *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva.
- Boal, A. (2019). *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. São Paulo: Editora 34.
- (2020). *Teatro Legislativo*. São Paulo: Editora 34.
- bell hooks (Gloria Jean Watlins) (2013). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes. Disponível em: [https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/bell\\_hooks\\_-\\_Ensinando\\_a\\_Transgredir\\_1.pdf](https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/bell_hooks_-_Ensinando_a_Transgredir_1.pdf) Acesso em: 13 set. 2022.
- Glissant, É.; Costa, K. P.; Groke, H. de T. (2008). Pela opacidade. *Revista Criação & Crítica*, n. 1, p. 53-55. DOI: 10.11606/issn.1984-1124.v0i1p53-55. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/64102> Acesso em: 13 set. 2022.
- Lapoujade, D. (2015). *Deleuze, os movimentos aberrantes*, trad. Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 edições.
- Radical Education Forum (2012). *Radical Education Workbook*. Disponível em: <http://undercommoning.org/radical-education-workbook/> Acesso em: 13 set. 2022.
- Rancière, J. (2018). *O desentendimento: política e filosofia*. São Paulo: Editora 34.
- Ribas, C. (2019). “Entrevista 1”. [Entrevista concedida a] Elaine Cristina de Carvalho Fontana. *Sobre o setor educativo nas instituições de arte: estudos de caso das 24ª e 33ª edições da Bienal de São Paulo*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-16102019-165422/publico/2019\\_ElaineCristinaDeCarvalhoFontana\\_VOrig.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-16102019-165422/publico/2019_ElaineCristinaDeCarvalhoFontana_VOrig.pdf)
- (2014a). *Vocabulário político para processos estéticos*. Rio de Janeiro. Disponível em: [https://vocabpol.cristinaribas.org/wp-content/uploads/2015/01/vocabpol\\_links-completo.pdf](https://vocabpol.cristinaribas.org/wp-content/uploads/2015/01/vocabpol_links-completo.pdf)
- (2014b). “Radicais livres”. In: *Vocabulário político para processos estéticos*. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://vocabpol.cristinaribas.org/radicais/>
- Roque, T. (2014). “Diagrama”. In: Ribas, C. (org.). *Vocabulário político para processos estéticos*. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://vocabpol.cristinaribas.org/diagrama/>